

O DESEJO DE CONHECER O OUTRO: VIAGENS E VIAJANTES DE ITALO CALVINO

Maria Elisa Rodrigues Moreira (Doutoranda, UFMG)

elisarmoreira@gmail.com

RESUMO: O presente artigo aborda a viagem na obra do escritor italiano Italo Calvino, indicando suas diversas conformações na mesma. Como norteadores dessa reflexão sobre a viagem temos as figuras do viajante e do estrangeiro, conforme apresentadas por Georg Simmel e Nelson Brissac Peixoto; as especificidades do olhar do viajante, de acordo com Sérgio Cardoso; e as questões do nomadismo e da pulsão pela errância, fundamentadas na obra de Michel Maffesoli. A partir desse referencial teórico percorre-se a obra de Calvino identificando personagens e narrativas que têm na viagem forte ancoradouro: acompanha-se, assim, a infinita viagem cartográfica de Marco Polo em *As cidades invisíveis*; a imóvel viagem telescópica do olhar em Palomar; a viagem pelo universo arbóreo construído e delimitado pelo próprio viajante, Cosme de Rondó, em *O barão nas árvores*; a viagem em busca da poesia no que há de mais banal e concreto na cinzenta cidade de *Marcovaldo ou as estações na cidade*; a viagem essencial no tempo e no espaço infindáveis que faz Qfwfq em *As cosmicômicas*, prolífero diálogo entre ciência e ficção; a viagem pela linguagem e pela representação de *O cavaleiro inexistente* e, por fim, a viagem literária do Leitor de *Se um viajante numa noite de inverno*.

Palavras-chave: viagem, viajante, Italo Calvino, nomadismo, errância

A história de cada um é traçada pelos lugares por onde passou.

Nelson Brissac Peixoto

O escritor italiano Italo Calvino era um mestre em imaginar lugares pelos quais seus personagens costumavam viajar, dos mais verossímeis aos mais inusitados. A figura do viajante é uma constante em sua obra, e com ela a questão do movimento, da errância, do nomadismo e do contato com o diverso como propulsor do fluxo contínuo e ininterrupto dos saberes. O personagem do viajante talvez encarne com maestria os valores literários exaltados pelo autor em *Seis propostas para o próximo milênio*: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade. O viajante é um aventureiro, aquele que parte “em busca de um horizonte que nada limite” (PEIXOTO, 1987, p. 81), num percurso em que esses valores são relevantes para determinar tanto o trajeto quanto o destino buscado.

Viajar é, assim, estar sempre “em busca do seu lugar”, “ir cada vez mais longe”, “desterritorializar-se” (PEIXOTO, 1987, p. 81), ou seja, “é a liberação de qualquer ponto definido no espaço” (SIMMEL, 1983, p. 182). A mudança torna-se permanente, o movimento contínuo, o percurso infinito, ainda que marcado por idas e voltas. Estamos diante do que Maffesoli (2001) vai chamar “pulsão da errância”, “pulsão da viagem”, “desejo do outro lugar”, “amor do longínquo”. Segundo o autor, esse nomadismo vigente na sociedade contemporânea, que é uma lembrança contínua da impermanência das coisas, irá “fazer de todo mundo o viajante sempre em busca da outra parte, ou o explorador maravilhado desses mundos antigos que convém, sempre e ainda uma vez, inventar” (MAFFESOLI, 2001, p. 17).

Nesse processo de viagem, o fim é sempre deslocado: o destino é sempre empurrado adiante, a chegada torna-se uma nova partida, as linhas de fuga multiplicam-

se e as possibilidades ampliam-se exponencialmente. Se a viagem é “o símbolo de uma busca sem fim”, é preciso que “a fronteira seja sempre adiada, a fim de que essa aventura possa prosseguir” (MAFFESOLI, 2001, p. 42). É, assim, durante a viagem que a vida se mostra mais rica, complexa e interessante, é no trajeto pela imensidão que se abre à sua frente que o viajante constitui sua subjetividade, suas memórias, seus conhecimentos, numa perspectiva mais coletiva e solidária: “a errância, desse ponto de vista, seria a expressão de uma outra relação com o outro e com o mundo, menos ofensiva, mais carinhosa, um tanto lúdica, e seguramente trágica, repousando sobre a intuição da impermanência das coisas e de seus relacionamentos”. (MAFFESOLI, 2001, p. 29)

Os viajantes de Calvino são, como as possibilidades que a eles se apresentam, muitos; mas sempre guiados pelo desejo de conhecer o outro, o diverso, o imperscrutável. É difícil não nos lembrarmos imediatamente do Marco Polo de *As Cidades Invisíveis*, viajante incansável que percorre sendas fantásticas nas quais é possível transitar pelos mais diversos percursos. Compondo um delicado mapa delimitado pela memória de Marco Polo e pelos sonhos de seu imperador Kublai Khan, as cidades de Calvino (é interessante ressaltar que elas trazem inscritas as marcas do feminino, tendo todas nomes de mulheres: Berenice, Teodora, Cecília, Olívia, Isaura...) são mais que lugares fantásticos ou oníricos. Elas podem ser lidas como verdadeiros espaços de conhecimento, de desejo, de humanidade, de busca... Viajar por essas cidades invisíveis é percorrer um mapa em filigrana, um labirinto-espelho assimétrico e hipertextual, no qual é possível adentrar por diferentes portos e percorrer rotas diversas, alcançando lugares que são sempre vários e sempre os mesmos, espaços mutantes e híbridos que somente se concretizam com o olhar e a presença dos que os percorrem.

Nesse mapa de viagem Calvino faz emergir todos os enganos da linguagem e do tempo, os artifícios e as lacunas da memória, o lugar da fronteira e do outro como o espelho a partir do qual o viajante, estrangeiro perpétuo, vai se constituir, ainda que em negativo. Desterritorializado, o viajante lança-se também numa aventura temporal, na qual passado e futuro mesclam-se e mostram-se menos fixos e previsíveis do que se poderia imaginar:

Os dicionários não se equivocam, pois, ao indicar as viagens como distanciamentos, enganam-se quando as vinculam ao espaço, quando ingenuamente representam esses movimentos como mudanças de lugar no interior de um mesmo mundo. Não permitem compreender que o viajante se distancia porque se diferencia e transforma seu mundo; que as viagens são sempre empreitadas no tempo. (CARDOSO, 2002, p. 358)

A viagem, assim, lança Marco Polo nesse não-lugar, num entre que sempre se perpetua, fronteira que nunca se transforma em destino, além sempre próximo e distante:

Tudo isso para que Marco Polo pudesse explicar ou imaginar explicar ou ser imaginado explicando ou finalmente conseguir explicar a si mesmo que aquilo que ele procurava estava diante de si, e, mesmo que se tratasse do passado, era um passado que mudava à medida que ele prosseguia a sua viagem, porque o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado, não o passado recente ao qual cada dia que passa acrescenta um dia, mas um passado mais remoto. Ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos. (CALVINO, 2004, p. 28)

Mas a viagem de Calvino nem sempre é assim tão cartográfica. Se percorrermos sua obra com a mesma lente de aumento com que o autor mira a invisível Olinda e descubra-lhe cidades concêntricas que crescem umas das outras, podemos identificar infinitos espaços por onde viajar, desdobráveis e multiplicáveis, nos quais concretude e fantasia mesclam-se a todo o momento. Os locais que o autor imagina são reflexo de

sua inquietude e desejo de saber, incorporando na mesma medida ciência e poesia e dando origem, assim, a um vasto universo que abarca desde o mais fabuloso até o mais palpável.

O sr. Palomar, por exemplo, realiza suas viagens em qualquer lugar, mesmo que no jardim de sua própria casa. Ainda que em *Palomar* Calvino intitule uma série de narrativas como “As viagens de Palomar”, a maioria das aventuras de seu protagonista dá-se em seu ambiente mais próximo. Afinal, “não é preciso ir longe para se afastar. (...) Pode se fazer no local, como viagens imóveis, de gente que não se mexe. Pois não consiste em chegar a um lugar, mas estar no meio, em ficar no mesmo lugar como se estivesse na estrada, num outro lugar” (PEIXOTO, 1987, p. 86). Na literatura de Calvino, qualquer viagem é possível.

Observador incansável de tudo o que o cerca – não é por acaso que o personagem tem o mesmo nome de um famoso observatório astronômico –, o sr. Palomar lança sobre o mundo um “olhar que pensa”, uma “visão feita interrogação” (CARDOSO, 2002, p. 349). Ele percorre com olhos de viajante o que há de mais ínfimo e banal em seu cotidiano:

Com o olhar é diferente. (...) Ele perscruta e investiga, indaga a partir e para além do visto, e parece originar-se sempre da necessidade de ‘ver de novo’ (ou ver o novo), como intento de “olhar bem”. Por isso é sempre direcionado e atento, tenso e alerta no seu impulso inquiridor...

(...)

O olhar não descansa sobre a paisagem contínua de um espaço inteiramente articulado, mas se enreda nos interstícios de extensões descontínuas, desconcertadas pelo estranhamento. Aqui o olho defronta constantemente limites, lacunas, divisões e alteridade, conforma-se a um espaço aberto, fragmentado e lacerado. Assim, trinca e se rompe a superfície lisa e luminosa antes oferecida à visão, dando lugar a um lusco-fusco de zonas claras e escuras, que se apresentam e se esquivam à totalização. (...) Por isso o olhar não acumula e não abarca, mas

procura; não deriva sobre uma superfície plana, mas escava, fixa e fura, mirando as frestas deste mundo instável e deslizante que instiga e provoca a cada instante sua empresa de inspecção e interrogação. (CARDOSO, 2002, p. 348-349)

Com método rigoroso de observação, o sr. Palomar questiona o mundo, a ciência, a linguagem. É esse o outro de seu desejo de saber. Em suas viagens através dos objetos, animais e construções que o cercam traça linhas e percursos de pensamento que não se contentam com perspectivas deterministas, valorizando muito mais o trajeto que o destino. Penetra nas brechas do sentido e transpõe os limites dos objetos através de um olhar que busca no além as respostas que deseja. Em “Lua do entardecer”, por exemplo, Calvino nos apresenta a viagem de um sr. Palomar que procura descobrir as coisas “ainda em estado de expectativa”, naquele momento em que “a incerteza é acentuada pela irregularidade” e em que “os limites entre as duas zonas não são nítidos” (CALVINO, 1994, p. 33). E a viagem imóvel à lua mostra-se como narrativa da incerteza e da mudança contínuas, da construção em processo:

A lua é o mais mutável dos corpos do universo visível, e o mais regular em seus estranhos hábitos: jamais falta aos encontros e podemos sempre esperá-la de passagem, mas se a deixamos num ponto vamos encontrá-la em outro, e se lembramos de sua face voltada de uma certa maneira, eis que iremos encontrá-la mudada, um pouco ou muito. Contudo, seguindo-a passo a passo, não nos damos conta de que imperceptivelmente ela vai fugindo de nós. (CALVINO, 1994, p. 34-35)

É essa mesma mobilidade característica das viagens que predomina no magistral “Leitura de uma onda”, narrativa na qual o sr. Palomar procura estabelecer uma teoria sobre o universo a partir da análise de uma onda, tarefa que se mostra impossível, uma vez que “isolar uma onda da que se lhe segue de imediato e que parece às vezes suplantá-la ou acrescentar-se a ela e mesmo arrastá-la é algo muito difícil, assim como separá-la da onda que a precede e que parece empurrá-la em direção à praia, quando não

dá até mesmo a impressão de voltar-se contra ela como se quisesse fechá-la” (CALVINO, 1994, p. 7). Não há como estabelecer uma fronteira final, um ponto de chegada no qual termine a viagem: as ondas se sobrepõem umas às outras, diluem-se, num trânsito perpétuo. As ondas do sr. Palomar são como as cidades contínuas de Marco Polo, percursos inacabáveis por não apresentarem começo nem fim, linhas de fuga.

Mas a viagem também pode se dar a um mundo construído, escolhido e delimitado pelo próprio viajante, um mundo que se torna ele próprio a estrada da qual não se pode sair. É assim que Cosme de Rondó cria, em *O barão nas árvores*, seu próprio roteiro de viagem, ao mesmo tempo ponto de partida, trajeto e destino. Cosme constrói um mundo suspenso, com regras e ritmos próprios impostos por seu criador e único habitante, mundo no qual realizará todas as viagens de sua vida, no alto e, ao mesmo tempo, fincado em terra firme – afinal, “as viagens, na verdade, nunca trasladam o viajante a um meio completamente estranho, nunca o atiram em plena e adversa exterioridade (...); mas, marcadas pela interioridade do tempo, alteram e diferenciam seu próprio mundo, tornam-no estranho para si mesmo” (CARDOSO, 2002, p. 359).

Aos 12 anos de idade Cosme decide, como resultado de uma discussão com seu pai, viver sobre as árvores e nunca mais tocar o chão. Para levar a cabo essa viagem permanente às alturas, ele precisa criar nesse novo mundo circunstâncias e possibilidades que lhe permitam sobreviver nesse espaço que é, ao mesmo tempo, distante e próximo do mundo terrestre que o circunda. O mundo alado no qual passa a viver diferencia seu próprio mundo: “Cosme observava o mundo da árvore: qualquer coisa, vista lá de cima, era diferente, e isso já era um divertimento.” (CALVINO, 1999, p. 127)

De árvore em árvore, Cosme passa a vida conhecendo seu novo reino vegetal, investigando seus limites, explorando suas fronteiras. Cria condições para permanecer no ar, conhece as árvores cada vez mais profundamente: afinal, é por elas que viaja, é através delas que pode dar continuidade à sua errância. Descobre como dormir – “para a noite Cosme descobrira o sistema do odre de peles; nada de tendas ou cabanas: um odre com peles na parte interna, dependurado num galho. Escorregava dentro, desaparecia e dormia encolhido como uma criança”, como utilizar a água – “com um pedaço de casca de álamo, dois metros de largura, fizera uma espécie de bica, que transportava a água de cascata aos galhos do carvalho, e assim podia beber e lavar-se”, como se alimentar – “encontrara também o modo de assar no espeto o que caçava, sem descer”. Ou seja, “fazia de tudo nas árvores” (CALVINO, 1999, p. 194-195).

Nessa viagem de toda uma vida conheceu pessoas e com elas se relacionou, estudou, fez amigos, foi um revolucionário. Impôs a si mesmo uma condição e regras a serem seguidas, delimitou seu espaço e nunca o ultrapassou. Sua viagem deu-se dentro das fronteiras que ele mesmo determinou. Nem mesmo a doença e a morte que se aproximavam, quando Cosme já contava com mais de 65 anos de idade, o fizeram descer do mundo que escolhera como seu: afinal, “mesmo quando aparenta ter poucos palmos, uma viagem pode não ter retorno” (CALVINO, 1999, p. 180).

E as viagens de Calvino não param por aí. Se Cosme, para sobreviver, precisa criar como seu espaço uma cidade alada, um mundo de folhas troncos raízes sementes, Marcovaldo reúne os mesmos elementos dispersos pelo solo e, percorrendo um trajeto inverso, quase subterrâneo, constrói sua cidade a partir do que há de mais prosaico em seu trajeto pela mesma:

Esse Marcovaldo tinha um olho pouco adequado para a vida da cidade: avisos, semáforos, vitrines, letreiros luminosos, cartazes, por mais estudados que fossem

para atrair a atenção, jamais detinham seu olhar, que parecia perder-se nas areias do deserto. Já uma folha amarelando num ramo, uma pena que se deixasse prender numa telha, não lhe escapavam nunca: não havia mosca no dorso de um cavalo, buraco de cupim numa mesa, casca de figo se desfazendo na calçada que Marcovaldo não observasse e comentasse, descobrindo as mudanças da estação, seus desejos mais íntimos e as misérias de sua existência. (CALVINO, 1994a, p. 7)

Em *Marcovaldo ou as estações na cidade*, é das marcas do homem sobre a natureza que parte a imaginação para a criação de um espaço ao mesmo tempo poético e endurecido, marcado pelo cinza do concreto que deixa apenas entrever o que nele restou de natureza. A viagem de Marcovaldo se dá na cidade enfumaçada pela qual transita todos os dias, buscando no solo de cimento o verde que preenche a vida de Cosme. Com sua característica ironia melancólica, Calvino constrói com a concretude da cidade desse operário um contraponto ao lirismo nunca ingênuo do Barão de Rondó.

Dessa viagem que se dá pelo que há de mais próximo Calvino parte para o que seria o mais distante, a fronteira por excelência: o princípio do mundo, o tempo e o espaço cósmicos. É numa viagem pela história do mundo e pela ciência que encontramos Qfwfq, personagem palíndromo, testemunha ocular de toda a história do universo. Sua viagem começa num ponto em que nada se distingue, em que tudo é igual a tudo, em que tempo e espaço são tão amplos que não se pode compreendê-los. Sua viagem é sempre o começo, o ponto de partida, a busca de um conhecimento que não se pode nunca alcançar, uma vez que para que se perceba o novo é preciso que se conheça o mesmo, assim como só se constitui a subjetividade em relação a um outro:

Exatamente, este é o tempo que se leva, nada menos, disse Qfwfq; eu uma vez passando fiz um sinal num ponto do espaço, de propósito, para poder vir a reencontrá-lo duzentos milhões de anos depois, quando viéssemos a passar por ali na volta seguinte. Um sinal como? É difícil dizer porque quando lhes digo sinal pensarão imediatamente em alguma coisa que se distinga de outra coisa, e ali não havia nada que pudesse distinguir-se de nada; pensarão logo num sinal marcado

com um utensílio qualquer ou mesmo com as mãos; em seguida, que os utensílios e as mãos se vão mas que o sinal permanece; mas naquele tempo ainda não havia utensílios, nem mesmo as mãos, ou dentes, ou narizes, tudo isso que veio em seguida, mas muito tempo depois. Quanto à forma que se dá ao sinal, acharão não ser problema porque, seja qual for a forma que tenha, basta que um sinal sirva de sinal, quer dizer, que seja diverso ou mesmo igual aos outros sinais: também aqui estarão a falar depressa demais, pois naquela época não havia exemplos aos quais referir-me para saber se o fazia igual ou diverso de outro, não havia coisas que se pudessem copiar, nem mesmo uma linha reta ou curva que fosse, não se sabia o que era, nem um ponto, uma saliência ou reentrância. (CALVINO, 1994b, p. 35-36)

Num contexto em que tudo é igualado não há como realizar um movimento que não seja circular, um movimento que não comece e termine de forma indiferenciada, um movimento palindrômico como o que se faz pelo nome do personagem. É somente a partir do momento em que inscreve o sinal, ou seja, a partir do momento em que se instaura a diferença, que vai prevalecer a pulsão da errância e o desejo do outro que marcam a viagem. Assim Calvino constrói em *As cosmicômicas* um diálogo entre as diferenças que marcam ciência e ficção, uma viagem “que faz com que o ser esteja em perpétuo devir” (MAFFESOLI, 2001, p. 38), situação literal por que passa o personagem principal. Nessa viagem em que o outro é a ciência, mais precisamente enunciados retirados do discurso científico e que servem como ponto de partida para a construção da narrativa, Calvino vai constituir a ficção a partir desse contato com um outro que lhe é considerado oposto, estrangeiro absoluto: “os olhos que finalmente se abriram para nos ver não eram nossos mas de outros” (CALVINO, 1994b, p. 153).

Mas as viagens mais ricas e surpreendentes de Calvino partem de um outro lugar. Não é apenas do físico mundo circundante que o autor retira os elementos com os quais constrói e desconstrói os lugares que imagina, nos quais coloca em trânsito seus nômades. A própria linguagem e os signos de que esta pode se valer, assim como o

universo literário são, também, matéria-prima para a construção de seus mundos e de seus mapas de viagem. É o caso de Agilulfo Emo Bertrandino dos Guildiverni e dos Altri de Corbentraz e Sura, cavaleiro de Selimpia Citeriore e Fez, o protagonista e personagem que dá título ao livro *O cavaleiro inexistente*. Este e o mundo que o circunda não são mais que produtos da linguagem, personagens de uma história narrada por uma freira cujos destinos dependem da memória, dos conhecimentos e da linguagem por ela utilizada:

- (...) Agilulfo é certamente o melhor cavaleiro de nosso exército...
 - Bah!
 - Como bah?
 - É uma montagem ele também, pior que os outros.
 - Que pretende dizer com montagem? Tudo aquilo que faz, faz para valer.
 - Que nada! É tudo história... Não existe ele nem as coisas que faz, nem aquelas que diz, nada, nada...
 - Mas como faria então, com a desvantagem em que se encontra em relação aos outros, para ocupar no exército o posto que ocupa? Somente por causa do nome?
- Torrismundo ficou um momento em silêncio, depois disse, devagar:
- Aqui também os nomes são falsos. Se quisesse, eu mandaria tudo pelos ares.
- Não nos resta sequer a terra na qual pousar os pés. (CALVINO, 1995, p. 66)

É assim que essa viagem pode ser delimitada pelo traçado de um mapa, no qual a freira assinala em cruzes e linhas tracejadas os percursos e eventos que determinam a história de Agilulfo:

Agora, devo representar as terras atravessadas por Agilulfo e por seu escudeiro durante a viagem: aqui nesta página é preciso encontrar espaço para tudo, a estrada principal cheia de poeira, o rio, a ponte, lá está Agilulfo, que passa com seu cavalo de cascos ligeiros, toc-toc, toc-toc, pesa pouco aquele cavaleiro sem corpo, o cavalo pode fazer milhas e milhas sem se cansar, e o patrão é mesmo infatigável. (...) Traço no papel uma linha reta, às vezes interrompida por ângulos, e é o percurso de Agilulfo. Esta outra linha cheia de garatujas e vaivéns é o caminho de Gurdulu. (CALVINO, 1995, pp. 83-84)

E é assim também, por ser produto da linguagem, que o cavaleiro desaparece ao perder seu nome: acusado de não ter realizado os feitos que justificariam sua nomeação, o cavaleiro sai em busca da tentativa de comprovação destes – a virgindade de uma donzela que salvou há quinze anos. Quando supõe que essa virgindade realmente foi perdida e que, portanto, seu nome é inexistente, o cavaleiro desaparece: “– Não voltarão a ver nem a mim! – diz. – Não tenho mais nome! Adeus! – E penetra no bosque pela esquerda.” (CALVINO, 1995, p. 122). O espaço de Agilulfo é o espaço do texto, o lugar da linguagem, mundo imaginário para uma viagem na qual engano e possibilidade convivem, na qual se permite uma multiplicidade de lugares, mundos, caminhos...

E essa viagem pela obra de Calvino termina tendo como destino a própria literatura, em *Se um viajante numa noite de inverno*. Nesse romance Calvino narra a história do Leitor, personagem que na tentativa de levar a cabo a leitura de um livro, envolve-se numa viagem que mistura falsificações, traduções, livros proibidos, leitores e escritores diversos, princípios de romances que o protagonista nunca consegue terminar de ler... Ao longo dessa viagem através da própria literatura, Calvino coloca em discussão temas como escrita, leitura, tradução, cópia, editoria, censura e academia, além dos diversos estilos literários que perpassam a obra como objeto da narrativa. *Se um viajante* é, assim, uma viagem auto-reflexiva na qual se destaca mais a convivência do diverso e do múltiplo que a opção por uma ou outra perspectiva teórico-conceitual.

O leitor do livro de Calvino acompanha assim, ao longo do livro, a jornada sem fim do Leitor em busca de um determinado livro, busca essa que sempre o leva a outro livro, e a outro livro, e a outro livro... Estamos mais uma vez diante da pulsão da viagem, da busca incessante que não permite que se alcance a fronteira. O Leitor empreende uma viagem na qual técnicas narrativas, estilos literários, discussões críticas

e teóricas vão constantemente direcionando umas às outras, de modo que a cada passagem entre esses objetos o mapa da viagem se modifica, e o trajeto apresenta novas bifurcações e pontos de encontro. Nesse percurso, o viajante descobre a cada movimento outras vozes, citações e referências a outros textos e estilos, desdobramentos de uns nos outros, numa rede crescente de narrativas que poderia ser desenvolvida e desdobrada infinitamente, na construção de um mapa infinito.

É bastante interessante, nesse sentido, a conversa travada, ao final da narrativa, entre o Leitor e outros leitores numa biblioteca. Nela, cada um deles apresenta sua concepção de leitura, criando a imagem de uma viagem em que o diálogo entre o diverso possibilita a ampliação dos saberes, em que o contato com o outro conforma a concepção que se tem, e em que o destino final é “um excepcional lugar de encontros de todos os gêneros” (MAFFESOLI, 2001, p. 47) e nunca a imobilidade absoluta do mesmo:

Este é mesmo meu modo de ler, e só assim a leitura me é proveitosa. Se um livro me interessa de verdade, não consigo avançar além de umas poucas linhas sem que minha mente, tendo captado uma idéia que o texto propõe, um sentimento, uma dúvida, uma imagem, saia pela tangente e salte de pensamento em pensamento, de imagem em imagem, num itinerário de raciocínios e fantasias que sinto a necessidade de percorrer até o fim, afastando-me do livro até perdê-lo de vista. (CALVINO, 1999a, p. 257)

A leitura é uma operação descontínua e fragmentária. Ou melhor: o objeto da leitura é uma matéria puntiforme e pulverizada. Na imensidade da escrita o leitor distingue segmentos mínimos, aproximação de palavras, metáforas, núcleos sintáticos, transições lógicas, peculiaridades lexicais que se revelam densas de significado extremamente concentrado. (...) Por isso minha atenção (...) não pode afastar-se das linhas escritas nem por um instante sequer. Não devo distrair-me para não deixar escapar nenhum indício precioso. (...) Por isso minha leitura não

acaba nunca: leio e releio sempre, procurando a confirmação de uma nova descoberta entre as dobras da frase. (CALVINO, 1999a, pp. 257-258)

Também eu sinto a necessidade de reler os livros que já li (...), mas a cada leitura me parece estar num livro novo. Será que continuo a mudar e ver coisas que antes não percebera em outra leitura? (...) A conclusão à qual cheguei é que a leitura consiste numa operação sem objeto ou que seu verdadeiro objeto é ela própria. O livro é um suporte acessório ou, mesmo, um pretexto. (CALVINO, 1999a, p. 258)

Cada novo livro que leio passa a fazer parte daquele livro abrangente e unitário que é a soma de minhas leituras. Isso não acontece sem esforço; para compor esse livro geral, cada livro particular deve transformar-se, relacionar-se com os livros que li anteriormente, tornar-se o corolário ou o desenvolvimento ou a refutação ou a glosa ou o texto de referência. (CALVINO, 1999a, p. 259)

Poderíamos continuar a viagem pela obra de Italo Calvino acompanhados por outros inúmeros personagens do autor, num processo interminável rumo a uma fronteira móvel. Mas isso não nos é possível, e precisamos aterrissar e colocar os pés novamente em terra firme. E saber que as principais novidades e mudanças que a viagem permite estão no próprio viajante: “É desta natureza o estranhamento das viagens: não é nunca relativo a um outro, mas sempre ao próprio viajante; afasta-o de si mesmo, deflagra-se sempre na extensão circunscrita de sua frágil familiaridade, no interior dele próprio.” (CARDOSO, 2002, p. 359)

ABSTRACT: This article discusses the theme of journey in the work of Italian writer Italo Calvino, indicating the different forms it takes. To guide this reflection on the journey, we have the figures of the traveler and of the foreigner, as presented by Georg Simmel and Nelson Brissac Peixoto, the specifics of the traveler's vision, according to Sergio Cardoso, and the issue of nomadism, based on the work of Michel Maffesoli. From these theoretical references the work of Calvino is reviewed identifying characters

and narratives that have a strong anchor on the theme of journey and travel. Thus we accompany the endless mapping journey of Marco Polo in *As cidades invisíveis*. We accompany the telescopic look in the journey of Palomar. We travel the universe constructed in a tree and delimited by the traveler himself, Cosme de Rondó, in *O barão nas árvores*. We find the journey in search of poetry in what is most banal and concrete in the grey city of *Marcovaldo ou as estações na cidade*, and we look for the essential journey in the endless time and space in Qfwfq, *As cosmicômicas*. We go through the prolific dialogue between science and fiction, the journey into language and the representation of *O cavaleiro inexistente* and, finally, the literary journey of the reader in *Se um viajante numa noite de inverno*.

Keywords: travel, traveler, Italo Calvino, nomadism

REFERÊNCIAS

- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.
- _____. *As cosmicômicas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994b.
- _____. *Marcovaldo ou as estações na cidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994a.
- _____. “O barão nas árvores”. In: _____. *Os nossos antepassados*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999. p. 113-364.
- _____. *O cavaleiro inexistente*. 3. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- _____. *Palomar*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- _____. *Se um viajante numa noite de inverno*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999a.
- _____. *Seis propostas para o próximo milênio*. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995a.

CARDOSO, Sérgio. “O olhar viajante (do etnólogo)”. In NOVAES, Adauto (org.). *O olhar*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002. p. 347-360.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. “1227 – Tratado de nomadologia: a máquina de guerra”. In DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. V. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997. p. 11-110.

MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

PEIXOTO, Nelson Brissac. *Cenários em ruínas*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. “O olhar do estrangeiro”. In NOVAES, Adauto (org.). *O olhar*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2002. p. 361-365.

SIMMEL, Georg. “O estrangeiro”. In MORAES FILHO, Evaristo de (org.). *Georg Simmel: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. p. 182-188.